



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**ATUALIZAÇÃO EM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: ASPECTOS
RELEVANTES PARA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA NUMA PERSPECTIVA
INCLUSIVA**

Coordenador: Adriano Henrique Nuernberg

Bolsistas: Fernanda Borges de Barcelos de Lima e Helena Rodrigues da Silva

Florianópolis

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**ATUALIZAÇÃO EM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: ASPECTOS
RELEVANTES PARA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA NUMA PERSPECTIVA
INCLUSIVA**

Adriano Henrique Nuernberg
Fernanda Borges de Barcelos de Lima
Helena Rodrigues da Silva

Projeto de extensão apresentado ao Edital
PROSOCIAL 2014-15 acerca do curso de
capacitação para professores sobre o transtorno do
espectro do autismo.

Florianópolis
2016

Introdução

O termo “autista” foi primeiramente usado pelo médico suíço Eugen Bleuler que, do grego, significa “eu mesmo”. Antes disso, os autistas eram diagnosticados como esquizofrênicos: pessoas desapegadas de tudo, exceto de seu mundo interno. Ou seja, antes de Bleuler a palavra “autista” referia-se a um sintoma, e não a uma síndrome. (Grinker, 2010).

Existem diferentes vertentes que explicam o autismo, passando desde a psicanálise, extremamente difundida no meio psiquiátrico nas décadas de 1940 e 1950, a qual atribui a causa do transtorno à falta de vínculo afetivo entre a mãe e o filho nas fases iniciais do seu desenvolvimento - teoria das mães geladeira, defendida por pesquisadores como Bruno Bettelheim - até as bases mais aceitas atualmente que têm como alicerce as teorias neuropsicológicas, neurobiológicas e genéticas (Arberas & Ruggieri, 2013).

O autismo, segundo Tamanaha, Perissonoto e Chiari (2008), configura-se numa tríade com impedimentos nas áreas de interação social, comunicação verbal e não verbal e interesses restritos. O autismo, que tem como definição um transtorno do desenvolvimento, configura-se, atualmente, num espectro de classificação de acordo com seu nível de comprometimento, um diagnóstico não mais categorial, mas sim dimensional, englobando diferentes síndromes e transtornos (American Psychiatric Association, 2013). “No âmbito científico, o autismo é um conceito que assume sentidos diversos, por vezes contraditórios entre si, em função da abordagem teórica destinada a compreendê-lo.” (Santos & Santos, 2012, p. 364).

O TEA (Transtorno do Espectro do Autismo) não possui uma causa - ao menos, com os estudos até então publicados, não se identificou uma única causa para o autismo - mas sim possui fatores de risco, tendo, assim, uma abordagem multifatorial, epigênica (genética + ambiente) (Arberas & Ruggieri, 2013). Existem também estudos que relacionam a função do lobo frontal com execução dos comportamentos relacionados ao autismo, no qual compreendem as funções executivas, teoria da mente e habilidade de atenção compartilhada (Bosa, 2015).

Diferentes fatores de risco já foram apontados para o autismo. Os mais estudados atualmente e mais bem aceitos pela comunidade científica são: a) ter irmão com autismo e ser menino (Domingues, 2009); b) peso abaixo da média ao nascer (Shieve; Tian; Baio; Rankin; Rosenberg; Wiggins; Maenner; Yeargin-Allsopp; Durkin; Rice; King; Kirby; Wingate; Devine, 2014); c) nascer em capital pelo fato de haver muita poluição (Volk et al, 2013); d) idade parental avançada, principalmente do pai (Sandin et al, 2015).

No âmbito comportamental, desde a década de 40 com Leo Kanner - um dos estudiosos pioneiros e mais importantes do autismo - diferentes questões já foram destacadas como características comuns a indivíduos com autismo. Vale aqui salientar que, pelo autismo ser um espectro que engloba diferentes transtornos, a manifestação dele em cada indivíduo é particular. Tais comportamentos observados foram: preferência pelo isolamento; comportamentos estereotipados; dificuldade na fala ou usar linguagens diferentes; memória fantástica; obsessão pela semelhança e pela repetição; expressão de grande talento em uma ou duas atividades; obsessão por rotinas; seletividade alimentar; alguns extremamente sensíveis a sons; pensamento literal; etc. (Grinker, 2010).

Educação Inclusiva

Proporcionar às crianças com autismo a convivência com outras crianças da mesma faixa etária oportuniza o estímulo das faculdades interativas e impede o isolamento constante. Em adição, acredita-se que é possível adquirir novas habilidades sociais através de trocas durante o processo de aprendizagem social. As crianças com desenvolvimento típico fornecem, entre outras coisas, um modelo de interação às crianças com autismo. A interação com os pares é base para o desenvolvimento não apenas das crianças dentro do espectro, mas de todas as crianças, à medida que essas têm a oportunidade de conviver e aprender com as diferenças através da inclusão (Bosa & Camargo, 2009).

Uma questão que vale ser ressaltada é a diferenciação que se faz no Brasil entre integração e inclusão,

Enquanto na integração investe-se na possibilidade de indivíduos com deficiência frequentarem escolas comuns de ensino, cujo currículo e método pedagógicos estão voltados para crianças consideradas “normais”, na inclusão muda-se o foco do indivíduo para a escola. Neste caso, é o sistema educacional e social que deve adaptar-se para receber a criança deficiente. (Bosa & Camargo, 2009, p. 69).

Desse modo, com um plano de ensino que não contemple suas limitações, a descrença no desenvolvimento da criança eleva a ideia da impossibilidade de permanência da criança atípica em espaços como a escola regular (Bosa & Camargo, 2009).

Na falta de planejamento efetivo e intervenção sistemática, as crianças com TEA e outros transtornos com déficit na comunicação social podem perder oportunidades de desenvolver relacionamentos significativos com semelhantes e podem estar sob risco de aumentar mais ainda seu isolamento da sociedade (Hansen et al, 2014).

As alterações envolvidas no espectro, entre elas, comportamento, socialização e comunicação, assim como à falta de profissionais especializados, levam a desafios no modo de educar as crianças com autismo. Entretanto, acredita-se que a escola, um espaço de aprendizagem e de desenvolvimento da competência social, proporciona a inclusão a essas crianças através da oportunidade de convivência com outras da mesma faixa etária (Pimentel & Fernandes, 2014).

A nota técnica nº 4 de 2013 do MEC, visa orientar a implementação da lei 12.764/2012, e traz como uma das diretrizes a formação de professores especializados, possibilitando o desenvolvimento sócio-cognitivo dos alunos com TEA (MEC, 2013).

De modo geral, os professores nem sempre acreditam estarem preparados para receber em sua sala de aula alunos com TEA. Eles afirmam necessitar de um preparo maior e mais específico, além de mais conhecimento sobre as desordens e suas manifestações. Para que a inclusão aconteça é fundamental a atuação eficiente e mediação do professor, e que a escola exerça um papel propício para isso.

Apesar de existirem leis que regulamentam educação inclusiva no Brasil, ainda existem diversos aspectos que necessitam ser melhorados para que a educação de alunos com TEA se torne mais efetiva. Os professores sentem falta de conhecimento sobre o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), necessidade de formação, falta do apoio de outros profissionais, dificuldade na elaboração do conteúdo a ser ensinado, descrença no desenvolvimento escolar de crianças com TEA, pouca base para acolher a família e necessidade de maior suporte tecnológico e infraestrutural (Pimentel & Fernandes, 2014).

Os professores constroem “autismos” num processo de conhecimento que se ancora em diversos repertórios, da psicanálise, neurociências, de informações da mídia, entre outras. Há uma ampla variedade de vertentes no campo dos discursos científicos sobre o autismo, a ponto de ser possível afirmar que existem tantas definições do autismo quanto são as teorias destinadas a abordá-lo. Sendo assim, num cenário de incertezas, as professoras costumam recorrer ao saber prático, em contradição ao saber científico. (Santos & Santos, 2012)

Ainda de acordo com Pimentel e Fernandes (2014), os professores exercem forte influência no desempenho comunicativo de alunos com TEA. Por isso, entende-se que a escola é importante para o desenvolvimento social do aluno com autismo e que o professor é chave para esse desenvolvimento, pois, é ele quem gerencia a relação de um aluno com os outros e com os demais membros da escola.

A inclusão vai muito além de compartilhar o mesmo espaço físico. Entretanto, conduzir a interação e participação significativas entre todos os seus alunos não é simples,

especialmente quando existem diversas problemáticas, recursos insuficientes e pouco ou nenhum apoio da sociedade (Silva, 2011).

A cooperação, entendida como aprendizagem cooperativa e a diferenciação pedagógica, ainda que mencionada como inclusiva, muitas vezes presentes no contexto da formação, só têm razão de ser se os professores souberem pôr em prática atividades e estratégias que vão ao encontro dos pressupostos que lhes subjazem (Silva, 2011).

Segundo a percepção de alguns professores as escolas, de maneira geral, não têm estrutura adequada para auxiliar o desenvolvimento escolar, social, cultural e emocional dos alunos que estão dentro do espectro. As escolas não têm base para acolher a família, tecnologia ou infraestrutura apropriadas, nem professores especializados (Pimentel & Fernandes, 2014).

Diante disso, trouxemos alguns dados para mostrar a grande participação das crianças com autismo na cidade de Florianópolis e, portanto, a necessidade de tal capacitação para os professores para lidar com as crianças do espectro.

O município de Florianópolis atua com 539 estudantes de Educação Especial na rede municipal de ensino (dados de dezembro de 2014) - Tabela 1. Entre as deficiências estão: surdocegueira, cegueira, surdez, deficiência intelectual, paralisia cerebral, deficiência física, deficiência múltipla, síndrome de Down, transtorno do espectro do autismo e outras. Dentro desses 539 alunos, 118 são pessoas com transtorno do espectro do autismo. Sendo assim, os alunos com TEA representam aproximadamente 22% dos estudantes da Educação Especial da rede municipal de Florianópolis.

Tabela 1 - Dados da Educação Especial

Dados da Educação Especial - Dezembro 2014	
Deficiência	Total
Surdocegueira	1
Cegueira	4
Baixa visão	18
Visão monocular	4
Surdez - perda auditiva total	15
Surdez - perda auditiva parcial	22
Perda auditiva unilateral	2
Deficiência intelectual	91
Paralisia cerebral	30
Deficiência física - outros	47
Deficiência múltipla	59
Síndrome de Down	44
Síndrome - outras	23
Transtorno do Espectro Autista - TEA	118
Altas habilidades	2
Estudantes em avaliação	59
Total	539

Fonte: Gerência de Educação Especial da Secretaria Municipal de Florianópolis.

No estado de Santa Catarina o panorama não é diferente. A Gerência de Educação de Jovens e Adultos do Estado de Santa Catarina fornece os seguintes dados:

Tabela 2 - Dados da Educação Especial de Florianópolis

	Transtornos			
	TEA	SÍNDROME DE RETT	DESINTEGRATIVO DA INFÂNCIA	TDAH
TOTAL GERAL NO ESTADO SC	1280	15	78	5038

Fonte: Gerência de Educação Especial da Secretaria Municipal de Florianópolis.

Sendo assim, os alunos com Transtorno do Espectro do Autismo representam cerca de 20% dos alunos listados com algum tipo de transtorno no ano de 2015. Esses dados mostram, em números, a expressividade desses alunos e, diante dos relatos de professores sobre a falta de preparo na formação para lidar com o TEA, justificam a importância que existe em serem proporcionados cursos como o que os que o projeto ofereceu entre os anos 2015 e 2016.

O curso

O curso de capacitação e atualização em Transtorno do Espectro do Autismo, ministrado pelo Prof. Adriano Henrique Nuernberg do departamento de Psicologia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) em parceria com a Prefeitura Municipal de Florianópolis foi pensado inicialmente em quatro edições, no ano de 2015.

Em sua estrutura básica, o curso conta com uma carga horária total de 30 horas, sendo 22 horas presenciais e 8 horas de Ensino à Distância (EAD). A parte a distância do curso foi realizada através da plataforma virtual Moodle da UFSC durante a primeira edição e, nas restantes, no ambiente do Moodle Grupos.

Essa iniciativa tem como objetivo a capacitação de professoras e professores da rede de ensino infantil sobre o Transtorno do Espectro do Autismo, visto que muitos profissionais se queixam sobre a falta de preparo para lidar com essas crianças, tendo em mente o aumento progressivo de alunos matriculados no ensino regular com tal transtorno.

A proposta inicial do curso foi de quatro aplicações do curso, apenas para a cidade de Florianópolis. Porém, com o decorrer do projeto, a equipe foi convocada a apresentar o curso em versão reduzida nas cidades de Palhoça, Tubarão e Balneário Camboriú.

Os assuntos abordados na capacitação foram os mais diversos dentro do tema do autismo. O coordenador do projeto, professor Adriano H. Nuernberg (Departamento de Psicologia da UFSC) selecionou tópicos importantes e apresentou para as professoras e professores do curso sobre a História do TEA; Atualidades e Classificação no DSM do TEA; Sinais de Alerta; Relação com a Família; Aspectos Funcionais, Comportamentais e Sociais do TEA no Contexto Escolar; Inclusão da criança com TEA e, por fim, os Estudos de Caso trazidos pelos participantes do curso.

Primeira versão do curso

A primeira versão do curso foi oferecida às professoras do Colégio de Aplicação e do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), ambos situados na UFSC. O curso contou com a participação de 18 professoras inscritas pelo PROFOR, além de 8 professoras e 6 estagiários do NDI que participaram como ouvintes. Os encontros ocorreram na sala Carolina Martuscelli Bori, do Departamento de Psicologia da UFSC. Foram reuniões semanais, todas as quartas-feiras das 18h30 às 21h30, tendo como início o dia 08/04/2015 e término o dia 13/05/2015. Essa versão teve um cunho experimental, visto que as estratégias para a realização do curso sofreram grandes mudanças ao longo do processo.

Antes do primeiro encontro, no dia 08/04, enviamos um formulário, através do e-mail cadastrado no Sistema Moodle, de atualização em transtorno do espectro do autismo (Apêndice A). O formulário continha perguntas para levantamento sociodemográfico das participantes e questionamentos para aferir o grau de experiência e conhecimento relacionados ao tema do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). No primeiro encontro houve a apresentação do curso e dos estudantes presentes. Aqui foram entregues os formulários para aqueles que ainda não haviam preenchido o questionário online. Após uma breve conversa, o professor Adriano iniciou uma exposição a respeito do histórico do autismo e atualidades na definição e classificação a partir do DSM-5. Nesse encontro foram abarcados temas introdutórios, tais como alguns estudiosos do tema e as possíveis causas do autismo. Este segundo tópico gerou um grande debate entre os presentes. As professoras pareceram bastante curiosas e inseguras acerca da causalidade do transtorno e sobre a medicalização.

A segunda aula, no dia 15/04, envolveu o tema desenvolvimento típico e atípico: conceitos fundamentais para identificar sinais de alerta no desenvolvimento infantil, indicadores precoces de TEA e aspectos técnicos e éticos na relação com a família. Foram passados alguns vídeos sobre o tema e aberta uma discussão sobre os métodos de ensino para crianças com autismo. O método Teacch foi bastante discutido e problematizado. Houve bastante interação por parte dos presentes.

O terceiro encontro foi realizado no dia 22/04, e o tema abordado foram os aspectos funcionais, comportamentais e sociais do TEA no contexto escolar.

Imagem 1 - Primeira aula do curso sobre TEA ministrada pelo professor Adriano Nuernberg.



Fonte: Elaborado pelos autores (2015)

Na quarta aula presencial (29/04) tivemos a participação especial do cartunista Rodrigo Tramonte que foi recentemente diagnosticado como autista. Ele trouxe informações gerais relacionadas ao tema do autismo e também algumas de suas barreiras e facilitadores pessoais. As professoras demonstraram bastante interesse na dinâmica e fizeram diversas perguntas ao palestrante. Os participantes afirmaram que foi muito importante para eles ouvir de uma pessoa com o transtorno informações pertinentes ao tema.

Durante o quinto encontro (06/05), o tema abarcado foi a inclusão escolar da criança com TEA. O debate acerca da temática foi bastante intenso, com as professoras trazendo suas experiências, os desafios que enfrentaram e as estratégias propostas.

Algumas semanas antes do último encontro da primeira etapa do curso de capacitação, o professor Adriano havia solicitado aos participantes que produzissem um estudo de caso para apresentar neste último encontro (13/05). O estudo contou com um roteiro elaborado pelo professor para servir de norteador na atividade proposta (Apêndice B). Cada instituição (Colégio de Aplicação e NDI) teve um grupo representante com um estudo de caso sobre uma criança com transtorno do espectro do autismo que foi apresentado e bastante discutido em sala. Após o término do encontro, as estudantes manifestaram interesse em continuar com as discussões do curso para que pudessem manter contato com as questões acerca do autismo com a visão profissional do professor Adriano.

Imagem 2 - Professor Adriano com os participantes do Colégio de Aplicação e do NDI



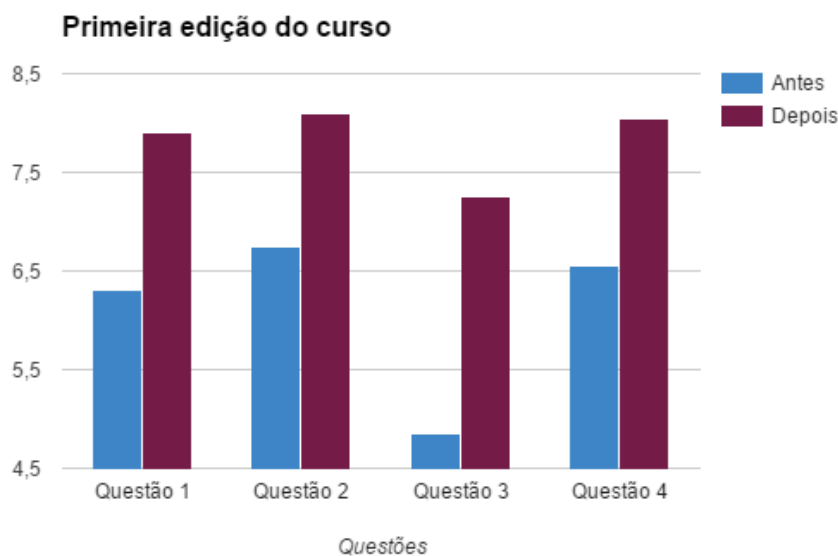
Fonte: Elaborado pelos autores (2015)

Em relação ao questionário, as questões elaboradas com o objetivo de aferir a efetividade do curso são em número de quatro e apresentadas de forma idêntica no primeiro e último dias de curso. As questões são (1) Usando como descritor a escala de 0 a 10 abaixo, indique em que grau você conhece as características do desenvolvimento infantil que se referem às competências sociais (engajamento social, imitação e atenção compartilhada) que ajudam a entender as dificuldades da criança com autismo? (2) Imagine a situação de uma criança de sua escola que manifeste dificuldades de interação, comunicação e imaginação. Indique na escala abaixo em que grau, de 0 a 10, você se sentiria capaz e segura em identificar aspectos e sinais de seu desenvolvimento que justificariam a necessidade de uma avaliação multiprofissional especializada? (3) Em que grau, de 0 a 10, você conhece a literatura atual sobre o transtorno do espectro do autismo e as suas contribuições para a prática pedagógica? (4) Indique na escala abaixo quanto você se sente segura em relação ao trabalho pedagógico na presença de uma criança com autismo em sua turma?

Ao término do curso, ao entregarmos o formulário final, no qual constava apenas o nome e as quatro mesmas perguntas do formulário inicial, pudemos observar uma significativa melhora na autoavaliação das professoras acerca do seu conhecimento sobre o TEA. A seguir encontra-se o gráfico geral de avaliação do primeiro curso, divididos por questão (eixo horizontal) e, no eixo vertical, encontram-se as médias das notas de todas as

professoras que participaram desta edição antes (azul) e depois do curso (bordô), feito a partir da média das respostas das participantes por questão.

Gráfico 1 - Resultados da primeira edição do curso



Fonte: elaborado pelos autores (2015).

Segunda versão do curso

A segunda versão do curso foi intitulada “Transtorno do Espectro Autista: atuação na perspectiva da educação inclusiva” e ocorreu no período de 28 de maio de 2015 a 09 de julho de 2015, às quintas-feiras, das 14h Às 17h, no auditório do Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI). Contamos com a participação de 27 pessoas e entre elas estavam professoras do ensino municipal de Florianópolis, professoras do colégio de aplicação da UFSC, do NDI, da UDESC (Universidade do Estado Santa Catarina) e acadêmicas do curso de Psicologia da UFSC.

Assim como a primeira versão do curso, esta também contou com 30 horas, contempladas por 22 horas presenciais e oito horas de EAD. Desta vez, por possuímos participantes de fora da UFSC, o curso foi realizado no Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA) da UFSC, o Moodle Grupos. Este é um ambiente destinado a cursos de extensão oferecidos a comunidade em geral, visto que não é necessário possuir vínculo com a UFSC para usufruir do mesmo.

No primeiro encontro do curso, realizado no dia 28/05/2015, houve a apresentação do curso e dos estudantes presentes. Cada uma das pessoas se apresentou dizendo seu nome, atuação e por que motivo buscou o curso ou quais suas expectativas com relação a

participação no curso. Após essa apresentação inicial, foram entregues formulários - similares aos da primeira versão do curso - com questões de abrangência sociodemográfica e sobre experiência e atuação com TEA. Em seguida, o professor Adriano iniciou uma exposição a respeito do histórico do autismo, pesquisadores e estudiosos do campo, relações de causalidade do TEA e atualidades na definição e classificação a partir do DSM-5.

Aparentemente os dois tópicos que causaram maiores questionamentos entre os presentes foram a questão da vacina tríplice como fator causal do autismo e a mudança na nomenclatura de categorial para dimensional a partir de 2013, com o DSM V.

O encontro do dia 11 de junho de 2015 foi direcionado para os principais fatores de risco do transtorno do espectro do autismo. Durante a exposição foi salientado que o autismo não possui uma causa, mas sim fatores de risco, necessitando, portanto, de uma abordagem multifatorial e epigênica (genética + ambiente). Os principais fatores de risco estudados na atualidade e citados no curso são: a) ter irmão com TEA; b) ser menino; c) ter baixo peso ao nascer; e d) residir em capital devido à poluição. Algumas professoras levantaram dúvidas acerca da relação entre o autismo e pesticidas usadas na indústria. Foram, então, apresentados alguns indícios dessa ligação, porém dito que ainda não existem estudos conclusivos sobre isso. Um dos pontos relevantes desse encontro foi também a exposição do professor sobre alguns aspectos comportamentais das pessoas com autismo. Muitas pessoas acreditam que alguns comportamentos simplesmente não existem nessas pessoas, o que foi refutado. Foi ressaltado que não é uma questão de presença ou ausência, mas sim de qualidade.

A terceira aula do curso aconteceu no dia 18/06/2015. Nela foi feita uma pequena revisão dos conceitos tratados no encontro anterior e algumas professoras do município trouxeram dúvidas sobre o conteúdo e relatos de experiências profissionais pessoais com relação a alunos do espectro. A partir daí, o prof. Adriano iniciou a exposição com relação aos aspectos funcionais, comportamentais e sociais do transtorno, exemplificando esses aspectos por meio de vídeos e imagens. Por último, foi exibida uma fala da pós-doutora e escritora Temple Grandin, que além de viver com o autismo, faz palestras e escreve livros sobre o assunto. Com base no vídeo foi proposta uma atividade às participantes do curso no ambiente virtual, na qual os (as) alunos(as) deveriam pensar e discutir os assuntos e estratégias de ensino sugeridas por Temple no vídeo.

O encontro do dia 25/7 foi contemplado com a fala de três profissionais de diferentes áreas do NDI. A psicóloga educacional, Camilla Ferreira, foi a primeira palestrante da tarde. Em sua fala ela trouxe várias questões relevantes acerca da sua atuação e algumas implicações

da psicologia no âmbito do Transtorno do Espectro do Autismo. Em seguida foi a vez da fala da diretora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil, Eloísa, que teve como foco a apresentação da instituição e dos seus planos pedagógicos, frisando em especial o aspecto inclusivo do NDI. Por fim, a enfermeira do NDI, Elfy, deu várias contribuições para o encontro, uma vez que, além de trazer uma apresentação rica em informações acerca do autismo, trouxe ainda algumas experiências próprias para ilustrar sua fala.

No quinto encontro, realizado em 02/07 foi abordado mais profundamente o tema “educação inclusiva” e contamos com a participação da professora Sônia Jordão, que atua no Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC. A Prof.^a Sônia trouxe aspectos práticos e vivências de sua atuação na educação infantil e inclusiva. Nesse mesmo dia foram realizados registros em áudio e vídeo de falas das participantes do curso sobre suas experiências pessoais com crianças com autismo. Em suas falas, as professoras comentaram sobre barreiras e facilitadores no lidar com cada criança, sobre suas especificidades, alimentação e sobre a relação com os familiares.

O momento do dia 09/07 foi reservado para a apresentação dos estudos de caso preparados pelas participantes do curso. Antes de iniciarem as apresentações, foi exibido um vídeo curto sobre educação inclusiva, com uma fala do Prof. Adriano Nuernberg, que também seria disponibilizado no ambiente virtual. Foram apresentados quatro casos de diferentes escolas de educação infantil de Florianópolis. As participantes levaram as características principais, ou mais marcantes para elas, de cada aluno e comentaram sobre as barreiras e as facilidades em trabalhar com os mesmos em sala de aula. A família esteve muito presente nas falas, tanto como barreiras quanto como facilitadores. As professoras relataram bastante dificuldade no diálogo com as famílias, na relutância dos pais em aceitar o diagnóstico de TEA e na abertura para tentativa de novas abordagens. Além disso, algumas professoras relataram sentir falta de dinâmica com outros profissionais envolvidos no tratamento e desenvolvimento da criança.

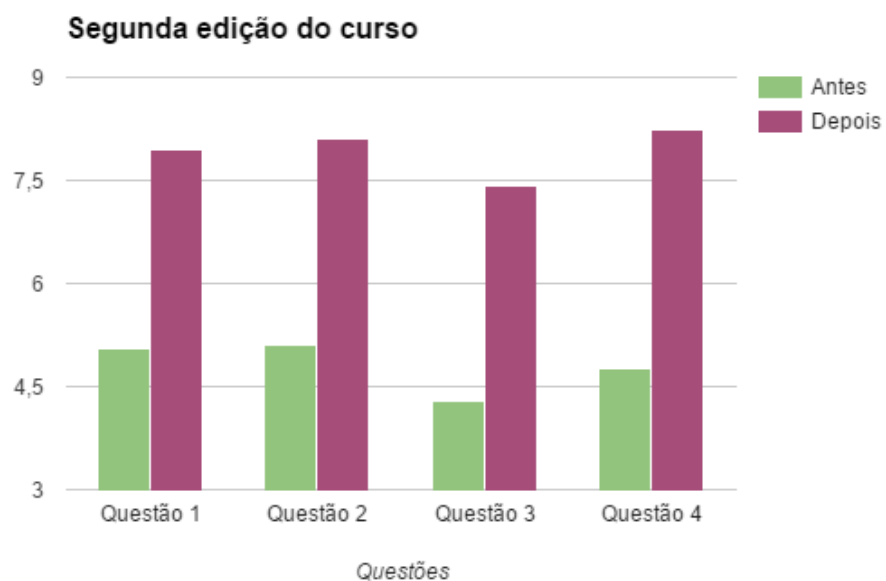
Imagem 3 - Prof. Adriano com bolsistas e participantes da segunda versão do curso.



Fonte: elaborado pelos autores (2015).

Assim como na primeira edição, aqui também reaplicamos o formulário inicial (apenas o nome e as quatro questões apresentadas) a fim de avaliar a eficácia desta edição do curso. Novamente, no eixo horizontal encontram-se as questões e no vertical, a média de nota das participantes antes (verde) e depois do curso (rosa).

Gráfico 2 - Resultados da segunda edição do curso



Fonte: elaborado pelos autores (2015).

Terceira versão do curso

A terceira versão do curso iniciou no dia 02 de outubro de 2015 e foi finalizada no dia 11 de dezembro de 2015. As aulas aconteceram nas sextas-feiras pela manhã, das 9h as 11h30, no auditório do NDI da UFSC. Da mesma forma que as versões anteriores, contou com uma parte online que foi realizada através do Moodle Grupos. Nessa edição 32 pessoas finalizaram o curso. Participaram desta edição, bem como na segunda, professoras e supervisores da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, professoras do NDI, duas mães de crianças com TEA e duas bolsistas do Núcleo de Estudos sobre Deficiência da UFSC.

No primeiro encontro, realizado no dia 02/10 houve uma breve apresentação da instituição (NDI) pela diretora e coordenadora pedagógica e boas vindas ao curso pelo Prof. Adriano Nuernberg. Antes de passar o conteúdo da aula, as professoras responderam ao questionário de efetividade do curso. Na primeira aula foi comentado sobre o histórico do autismo e as definições mais recentes do autismo a partir do DSM-5, além dos fatores de risco envolvidos na causalidade do transtorno.

O segundo encontro, como nos anteriores, foi dedicado à exposição sobre o desenvolvimento típico e atípico, apontando os conceitos fundamentais para identificar sinais de alerta no desenvolvimento infantil, levando em consideração dos indicadores precoces do TEA. Além disso, os aspectos técnicos e éticos na relação com os familiares.

Na terceira aula presencial, como planejado, foi discutido sobre os aspectos funcionais, comportamentais e sociais do TEA no contexto escolar. Para este encontro foram convidadas as professoras do NDI Sônia Jordão e Graziela López, a enfermeira Elfy e a psicóloga do NDI Camilla. Diferentes pontos foram levantados pelas ministrantes, como a necessidade de incluir todos os alunos e não só os com TEA; mostrar aos alunos que todos têm suas deficiências e potencialidades; não tratar os alunos com deficiências de forma diferente dos alunos sem deficiência; marcar encontros com os pais; buscar instrução sobre o TEA; não reduzir a criança à sua deficiência; dentre outros. Foi um importante espaço de reflexão acerca da inclusão escolar e seu papel no desenvolvimento das crianças típicas e atípicas.

No encontro do dia 13/11, quarta aula, tivemos a grande palestra da fundadora e diretora da equipe “Inspirados pelo Autismo” Mariana Tolezani, que trabalha com a abordagem Son-rise, um novo método pouco difundido, porém que vem ganhando força no Brasil. Trata-se de uma forma de desenvolver pessoas com autismo de uma forma interacionista, motivacional, responsiva e lúdica. (Inspirados pelo autismo, 2015). Existem

várias atividades que são difundidas por essa abordagem, em especial pela equipe de Mariana, tais como “côcegas do personagem favorito”, “passeio no super carro” e “o sapo comedor de bolhas”.

O método Son-rise tem como princípio o desenvolvimento das capacidades sociais da criança, especialmente a Atenção Compartilhada, que consiste na habilidade de triangular uma informação num contexto de interação social. Diante disso, a abordagem interacionista busca desenvolver de forma responsiva tal habilidade, com o objetivo de não deixar a criança à deriva no âmbito social. Assim,

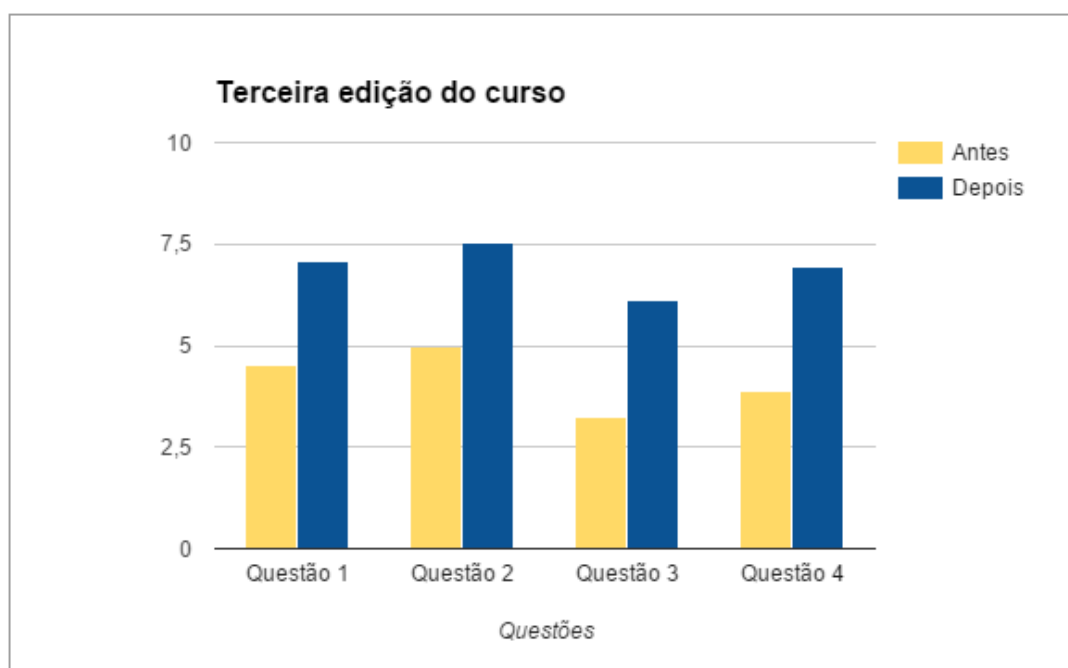
Investimos em interações divertidas com a criança que incentivem o desejo por mais participações espontâneas em interações. Queremos que a criança aprenda a ser ativa na interação social e que se interesse cada vez mais pelo que o outro faz ou fala. Para tanto, é essencial que sejamos pessoas interessantes para ela, pessoas com quem ela goste de estar! Procuramos então ser divertidos, compreensivos, prestativos, amorosos, demonstrando nosso respeito e admiração pela criança em nossas interações diárias com ela. (Site Inspirados pelo Autismo).

O quinto encontro presencial, 04/12, foi ministrado pelo professor Adriano e foram abordados o tema “Identificação precoce do autismo: aspectos éticos e teóricos”.

Na última aula presencial (11/12), aconteceu a finalização do curso com apresentação dos relatos de experiências e inclusão de crianças com autismo pelas professoras da rede municipal e do NDI. Foram apresentados quatro casos, que envolviam cinco crianças, sendo quatro com TEA e uma com Síndrome de Down e “traços de autismo” (sic). As professoras trouxeram características específicas de cada criança, seus gostos e dificuldades. Além disso, falaram sobre a formação de vínculos com as crianças e a evolução do trabalho com elas. Foi bastante citado entre os casos o uso de objetos que chamam a atenção de cada criança para ajudar a trazê-las para as atividades propostas pelas professoras.

Novamente, aplicamos o formulário com o nome e as quatro questões de efetividade a fim de avaliar a eficácia desta edição do curso. No eixo horizontal encontram-se as questões e no vertical, a média de nota das participantes antes (amarelo) e depois do curso (azul).

Gráfico 3 - Resultados da terceira edição do curso



Fonte: elaborado pelos autores (2015).

Curso na cidade de Tubarão

Além dos cursos que estavam previstos pelo projeto e foram realizados, recebemos o convite do curso de especialização do NDI para realizar o curso numa versão reduzida na cidade de Tubarão/SC e de Balneário Camboriú/SC. O curso oferecido na cidade de Tubarão teve um total de 12 horas, distribuídas entre a noite do dia 23/10 e a manhã e tarde do dia 24/10. Essa versão da capacitação teve um total de 19 participantes, todas as professoras da rede municipal de ensino da cidade de Tubarão e região.

A repercussão do curso foi bastante significativa, sendo a que apresentou melhores índices de efetividade dentre todas as etapas. As professoras elogiaram bastante a atuação docente do professor Adriano Nuernberg e afirmaram que nunca tinham tido um contato tão aprofundado com a temática do Transtorno do Espectro do Autismo. Alguns relatos foram bastante importantes para a equipe e serão apresentados a seguir.

As participantes se mostraram bastante satisfeitas no sentido de, além de conhecer as características do TEA, entender o motivo pelo qual as crianças agem de determinada forma, como foi abordado pelo professor. Isso se liga ao fato do grande número de crianças com autismo que estudam na rede da cidade, o que foi um fator preocupante para as professoras.

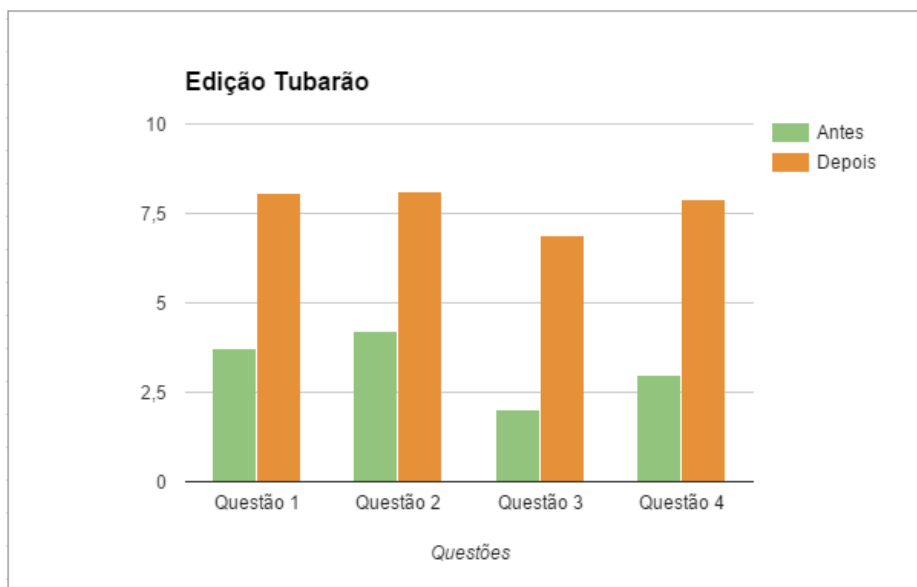
As professoras também abordaram bastante a questão de muitas crianças não terem ainda o diagnóstico do transtorno, alegando terem muita dificuldade no modo como deveriam

proceder com o aluno, a questão da comunicação sobre os sinais do TEA para a família e a demanda que esse aluno necessita. Neste último ponto foi falado sobre o número elevado de crianças que são matriculadas por turma, não tendo as professoras muita disponibilidade para atender às demandas do aluno com autismo.

Por fim, as professoras alegaram sentir dificuldade na comunicação entre os profissionais que atuam com a criança com TEA. A falta de uma equipe multidisciplinar e integrada foi bastante criticada pelas participantes desta versão do curso.

O gráfico de eficácia da edição de Tubarão apresenta, assim como os anteriores, no eixo horizontal as questões e no vertical, a média de nota das participantes antes (verde) e depois do curso (laranja).

Gráfico 4 - Resultados da quarta edição do curso



Fonte: elaborado pelos autores (2015).

Curso Balneário Camboriú

A última versão do curso de formação sobre o Transtorno do Espectro do Autismo foi realizado na cidade de Balneário Camboriú/SC, no ano de 2016. O curso contou com a participação de 35 profissionais da área de educação infantil da região. Assim como em Tubarão, foi realizada a versão reduzida: 26/11 à noite e 27/11 manhã e tarde, totalizando 12h presenciais e não havendo conteúdo à distância.

Imagem 4 - Professor Adriano e participantes da última versão do curso

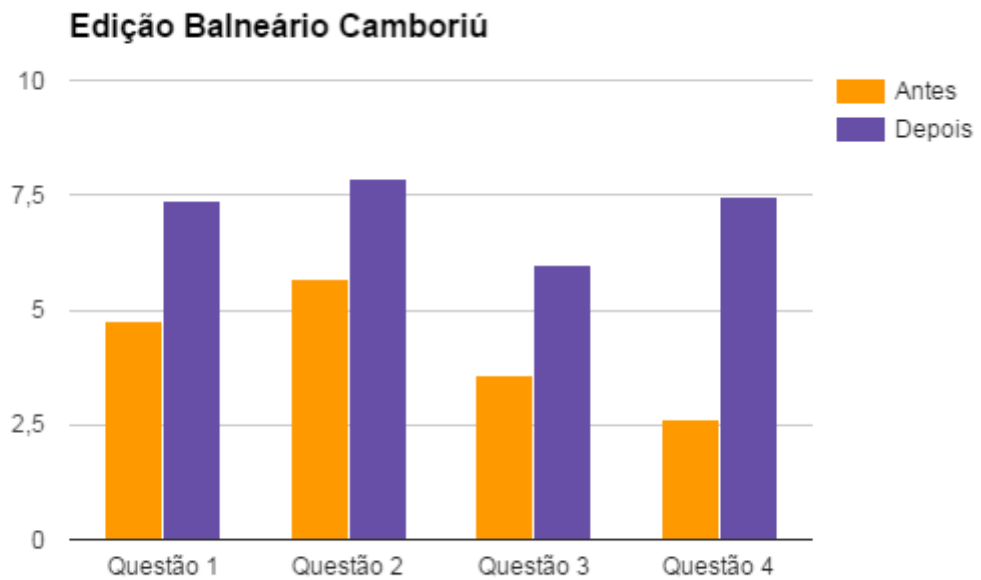


Fonte: elaborado pelos autores (2016).

Uma característica marcante desta versão do curso foi o número de participantes. A turma possuía o maior número de professores que capacitamos. E, ainda, boa parte da turma possuía experiência com estudantes com TEA por possuir crianças com autismo na mesma unidade escolar em que trabalhavam. Nessa edição houve dúvidas mais específicas sobre a inclusão da criança com tal transtorno, sobre a intervenção a fim de promover a inclusão desses estudantes e principalmente com relação à “causa” do autismo. Outro tema bastante questionado foi a epidemia do autismo.

A aplicação do instrumento que avalia a eficácia deste curso foi realizada de modo que foram obtidos os resultados no gráfico abaixo. Novamente, no eixo horizontal estão as questões do instrumento e, na vertical, a pontuação dos participantes. Em laranja estão as respostas antes do curso, já em roxo estão as notas após a formação:

Gráfico 5 - Resultados da quinta edição do curso

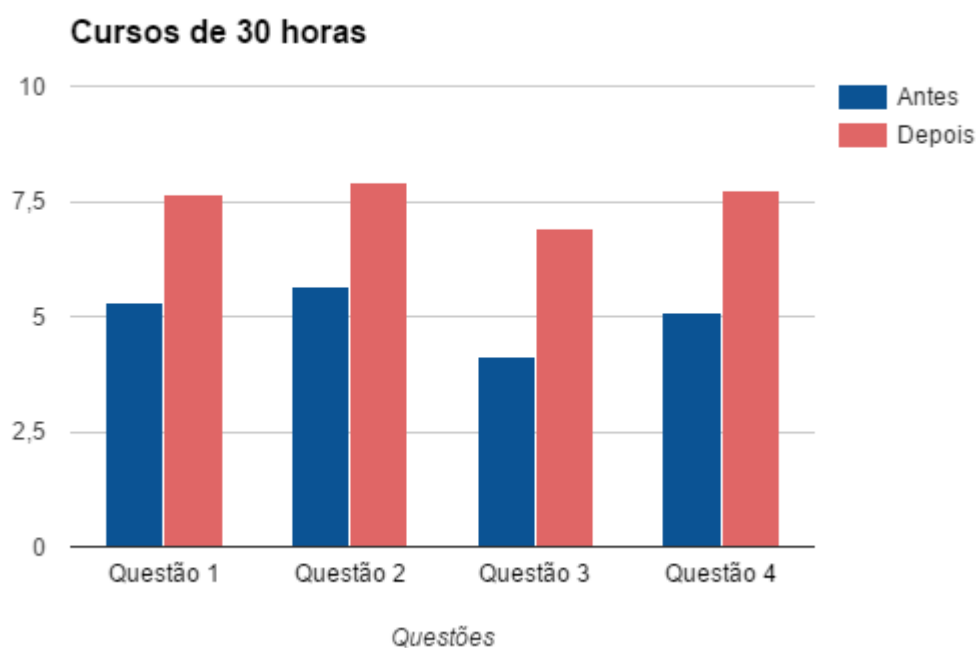


Fonte: elaborado pelos autores (2016)

Resultados finais

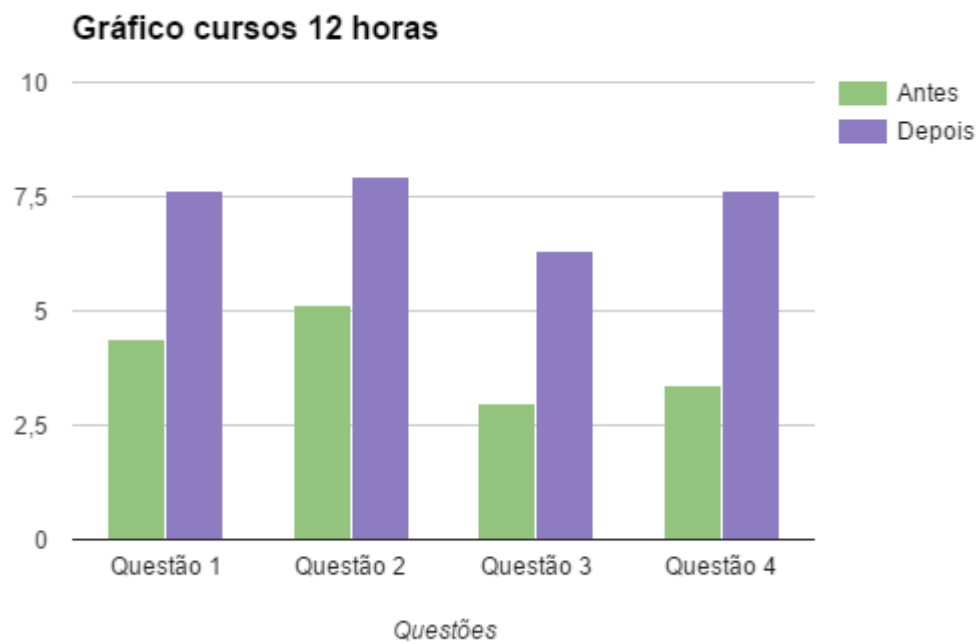
Ao final das edições do curso de formação oferecido no presente relatório, pudemos verificar os níveis de autopercepção de conhecimento dos participantes antes e depois do curso nas duas modalidades (30 horas e 12 horas). Os gráficos a seguir trazem os números acumulados dos cursos oferecidos em 30 horas (cursos um, dois e três) e em 12 horas (Tubarão e Balneário), respectivamente.

Gráfico 6 - Resultados edições 30h



Fonte: elaborado pelos autores (2016)

Gráfico 7 - Resultados edições 12h



Fonte: elaborado pelos autores (2016)

É possível observar que em ambas as estratégias de intervenção a diferença entre os resultados iniciais e finais é bastante significativa para os participantes. No entanto, pôde-se verificar uma mudança maior nos cursos oferecidos em 12 horas em relação aos de 30 horas. O grupo pesquisador acredita que essa variação exista pelo fato de que os cursos oferecidos em um período de tempo reduzido foram realizados em cidades onde não existem muitas estratégias de intervenção e cursos de formação como este, enquanto os de 30 horas terem maior acesso por terem sido oferecidos na capital do estado, onde há maior oferta de cursos e suporte.

Recursos utilizados

O presente projeto foi contemplado com o valor de R\$ 11.400,00 destinados a materiais permanentes e R\$2.800,00 para materiais de consumo e serviços. Foi requisitada a compra de um computador para edição, montagem e finalização dos vídeos didáticos com o valor destinado a materiais permanentes, porém o pedido não foi autorizado e como não havia tempo hábil para uma nova requisição o valor total (R\$ 11.400,00) foi devolvido. Com o recurso destinado a serviços foram utilizados R\$ 340,00 com serviços de gráfica, entre impressões, cópias e scanner de materiais para o curso de capacitação; R\$ 495,00 foram utilizados em um *coffee break* de lançamento de um dos vídeos didáticos produzidos durante o projeto de extensão; R\$ 1.962,00 foram destinados à compra de passagens e diárias para aplicar o curso em outras cidades e aumentar a sua abrangência, porém as viagens não foram realizadas e o recurso foi devolvido.

Os serviços da gráfica foram utilizados para impressão dos questionários de efetividade do curso aplicados em todas as edições, no início e no fim do curso, impressão do roteiro de estudo, lista de presença, entre outros.

Já o recurso do *coffee break* foi utilizado no lançamento de um dos vídeos produzidos durante o projeto e exibido para cerca de 40 pessoas. O lançamento foi feito no dia 20/11/2015 às 19 horas, na sala Carolina Bori do Departamento de Psicologia da UFSC. O objetivo deste evento foi divulgar e compartilhar com a comunidade acadêmica os conhecimentos produzidos nesse período.

Considerações finais

Como mostramos na revisão, nas descrições dos gráficos e nas discussões, os professores/as sentem muita falta de formação adequada para trabalhar não apenas com alunos com autismo, mas com todos os alunos. É necessário a esses professores que haja oferta informacional e formacional para que exerçam um trabalho de qualidade na gestão da aprendizagem dos alunos e desenvolvimento das habilidades de interação e comunicação. Tais formações devem sempre partir dos conhecimentos dos professores e formatar suas práticas inclusivas.

Pudemos verificar diante dos gráficos obtidos a respeito da efetividade do curso, que os resultados foram bastante relevantes. Após a nossa avaliação observamos que as professoras se sentiam de fato mais confiantes em relação ao trabalho com crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo, o que refletirá na sua prática. Assim, ressaltamos a importância de cursos de capacitação como o aqui apresentado, a fim de proporcionar mais preparo e informação para os educadores da rede de ensino de crianças e jovens.

O processo de inclusão tem sido implantado no sistema educacional brasileiro, mas ainda com algumas falhas. Como apresentado neste relatório, existe uma diferenciação entre integridade e inclusão. A modificação do plano da escola em prol de abarcar todas as dificuldades dos alunos é primordial para a inclusão efetiva dos alunos. É necessário que os professores conheçam seus alunos e, para isso, cursos como o oferecido por esse projeto são de fundamental importância a fim de difundir o conhecimento.

O retorno dos participantes do curso foi bastante satisfatório. Recebemos manifestações voluntárias de agradecimento através da plataforma Moodle, reforçando a importância e eficácia do curso. Por fim, a título de encerramento e ilustração, alguns desses comentários são apresentados a seguir.

Professora 1: "Sem dúvidas este curso vem para esclarecer muitas dúvidas. Como professora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, ainda da área da Educação Física, presencio muitas dúvidas com relação as pessoas com autismo, e mais ainda a respeito das suas dificuldades e possibilidades corporais e cognitivas".

Professora 2: "Simplesmente fantásticas as aulas ministradas pelo Prof. Dr. Adriano! Agradeço imensamente a oportunidade por poder aprender cada vez mais sobre um tema de

tamanha importância para a minha vida! Muito obrigada por transmitir os Vossos valiosos conhecimentos!!!".

Professora 3: "Boa tarde, colegas. Gostaria de agradecer, primeiramente, ao professor Adriano pelo convite feito a mim para participar deste curso. Estão sendo momentos enriquecedores, de muito aprendizado, trocas e conhecimentos. Momentos como este merecem toda a nossa dedicação, pois falar sobre TEA é muito importante para que o assunto seja conhecido, para que sejam quebrados tabus e mitos, e para que o trabalho feito com nossas crianças seja cada vez mais aperfeiçoado. Abraços e até amanhã".

Professora 4: "Boa tarde. Primeiramente gostaria de dizer que é de fato um privilégio estar neste curso ministrado pelo professor Adriano. No primeiro semestre deste ano foi ofertado este mesmo curso e pude iniciar e estar presente nos três primeiros encontros, pois infelizmente devido uma reorganização institucional não pude concluí-lo. Assim, quero registrar que embora tenha acompanhado as discussões iniciais e completado metade do curso semestre passado, percebo que a cada encontro aprendemos novas informações e mesmo aquelas que já estavam apropriadas parecem ganhar novos sentidos e significados na medida em que se ouve e se discute coletivamente sobre este tema importante na atualidade".

Professora 5: "Seminário ótimo, com certeza terei um novo olhar, uma forma de ver crianças com autismo!"

Professora 6: "Nas aulas, acabei descobrindo, que o autismo, precisa e deve ser muito pesquisado, particularmente, abri meu horizonte sobre este assunto, a qual eu não tinha tanto conhecimento, e fez refleti que podemos à qualquer momento, buscar as informações".

REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and Statistical manual of mental disorders*. (5th ed.). Washington, DC: Author.
- Arberas, C., & Ruggieri, V. (2013). Autismo y epigenética: un modelo de explicación para la compenión de la génesis en los transtornos del espectro autista. *Medicina*, 73(1), 20-29.
- Bosa, C. As relações entre autismo, comportamento social e função executiva. *Psicologia: reflexão e crítica*, 14(2), 281-287.
- Bosa, C. A., & Camargo, S. P. H. (2009). Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica de literatura. *Psicologia & Sociedade*, 21(1), 65-74.
- Domingues, C. C. A. (2009). *Perturbações dos espectro do autismo: etiopatogenia e as suas implicações no diagnóstico*. (Dissertação). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Portugal.
- Grinker, R. R. (2010). *Autismo: um mundo obscuro e conturbado*. São Paulo: Larousse.
- Hansen, S. G., Blakely, A. W., Dolata, J. K., Raulston, T., Machalicek, W. (2014). Children with Autism in the Inclusive Preschool Classroom: A Systematic Review of Single-Subject Design Interventions on Social Communication Skills. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 1(3), 192-206.
- Inspirados pelo autismo (2015). *Inclusão escolar para pessoas com autismo*. Módulo escola. São Paulo, SP.
- Pimentel, A. G. L., & Fernandes, F. D. M. (2014). A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. *Audiology, Communication Research*, 19(2), 171-178.
- Sandin, S., Schendel, D., Magnusson, P., Hultman, C., Suren, P., Susser, E., Grønberg, T., Gissler, M., Gunnes, N., Gross, R., Henning, M., Bresnahan, M., Sourander, M., Hornig, M., Carter, K., Francis, R., Parner, E., Leonard, H., Rosanoff, M., Stoltenberg, C., & Reichenberg, A. (2015). Autism risk associated with parental age and with increasing difference in age between the parents. *Molecular Psychiatry*, 1-8.
- Santos, M. A., & Santos, M. F. S. (2012). Representações sociais de professores sobre o autismo infantil. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 364-372.
- Schieve, L. A., Tian, L. H., Baio, J., Rankin, K., Rosenberg, D., Wiggins, L., Maenner, MJ., Yeargin-Allsopp, M., Durkin, M., Rice, C., King, L., Kirby, R. S., Wingate, M. S., & Devine, O. (2014). Population attributable fractions for three perinatal risk factors for autism spectrum disorders, 2002 and 2008 autism and developmental disabilities monitoring network. *Annals of Epidemiology*, 24(4), 260-266.
- Silva, M. O. E. da. (2011). Educação Inclusiva: um novo paradigma de Escola. *Revista Lusófona de Educação*, 19, 119-134.

Tamanaha, A. C., Perissinto, J., Chiari, B. M. (2008). Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo infantil e da síndrome de Asperger. *Revista da sociedade brasileira de fonoaudiologia*, 13(3), 296-9.

Volk, H. E., Lurmann, F., Penfold, B., Hertz-Picciotto, I., & McConnell, R. (2013). Traffic-Related Air Pollution, Particulate Matter, and Autism. *JAMA Psychiatry*, 70(1), 71-77.

APÊNDICE A _ FORMULÁRIO DO CURSO

Atualização em transtorno do espectro do autismo: aspectos relevantes para atuação na educação infantil numa perspectiva inclusiva título

*Obrigatório

Nome * _____

Grau de instrução *

- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutorado
- Pós-doutorado

Idade *

Anos completos em 2015 (apenas números)

Tempo de atuação profissional em anos *

Apenas números

Tempo de experiência com aluno com TEA (Transtorno do Espectro do Autismo) *

- Nunca trabalhei com alunos com TEA
- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 2 anos
- Entre 2 e 3 anos
- Mais de 3 anos

Etapa escolar do aluno com autismo *

Que trabalha atualmente ou o mais recente

- Não se aplica
- Creche
- Pré-escola
- Ensino fundamental
- Ensino médio

Idade do aluno com autismo *

Que trabalha atualmente ou o mais recente

- Não se aplica
- 0-3 anos
- 4-6 anos
- 7-12 anos
- 13-18 anos

Usando como descritor a escala de 0 a 10 abaixo, indique em que grau você conhece as características do desenvolvimento infantil que se referem às competências sociais (engajamento social, imitação e atenção compartilhada) que ajudam a entender as dificuldades da criança com autismo? *

Não conheço nada 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Conheço profundamente

Imagine a situação de uma criança de sua escola que manifeste dificuldades de interação, comunicação e imaginação. Indique na escala abaixo em que grau, de 0 a 10, você se sentiria capaz e segura em identificar aspectos e sinais de seu desenvolvimento que justificariam a necessidade de uma avaliação multiprofissional especializada? *

Muito insegura 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Muito segura

Em que grau, de 0 a 10, você conhece a literatura atual sobre o transtorno do espectro do autismo e as suas contribuições para a prática pedagógica? *

Desconheço totalmente 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Conheço profundamente

Indique na escala abaixo quanto você se sente segura em relação ao trabalho pedagógico na presença de uma criança com autismo em sua turma? *

Muito insegura 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 Muito segura

APÊNDICE B _ ROTEIRO PARA O ESTUDO DE CASO

Roteiro para o estudo de caso

- 1) Reúna as informações sobre a criança que a escola possua, mantendo o sigilo do seu nome e de sua família. São fundamentais o momento do diagnóstico (idade), a área do profissional que o realizou e os demais resultados de avaliação que a família forneceu para escola;
- 2) Resgate a história de inserção e de participação da criança na instituição, especialmente os relatórios das professoras anteriores e atual, buscando fazer uma síntese das principais conquistas no desenvolvimento, das maiores dificuldades no contexto da interação, da comunicação e no envolvimento nas atividades. Se houver informações de outros profissionais da escola ou de fora da instituição, é interessante incorporar em seu relato;
- 3) Identifique os facilitadores e as barreiras à inclusão que a criança viveu, organizando o relato do caso a partir desses elementos;
- 4) Verifique que elementos do curso sobre TEA podem ser resgatados para se promover a melhoria do processo de inclusão e/ou a maior compreensão das barreiras e facilitadores da participação da criança nas trocas sociais e nas atividades pedagógicas;
- 5) Elabore um pequeno texto sintetizando esses elementos (sem identificar a criança) e poste no fórum no moodle como uma prévia da apresentação. O objetivo desse resumo é facilitar a compreensão na hora da apresentação do caso;
- 6) No momento da apresentação, cada grupo terá em torno de 30 minutos para relatar o caso. No coletivo, por 20 minutos, faremos ponderações no sentido de avaliar aspectos positivos, eventuais barreiras e encaminhamentos que poderão ser realizados caso sejam julgados como pertinentes.

Prof. Adriano Nuernberg